

*Ex.<sup>mo</sup> sr. dr. J. Dias Ferrão:—* Quis v. ex.<sup>a</sup> ter a gentileza de responder ao meu apêlo, no introito com que precedi as notas sobre a vida e obras do dr. Simões Dias, no sentido de serem divulgados e trazidos a público os elementos dispersos ou obscuros da biografia e actividade literária, jornalística e política do cantor das «PENINSULARES», pondo em foco e relevando a *Carta-prefácio* ao romance «FATALIDADES DO AMOR», do dr. António Gomes da Silva Sanches, escrita em 13 de Maio de 1863, e sem referência nos meus artigos.

E quis ainda v. ex.<sup>a</sup> acompanhar essa notícia com amáveis palavras a meu respeito e ao modesto trabalho que estou publicando.

Duplo é por isso o meu reconhecimento: pela contribuição e luz que o artigo de v. ex.<sup>a</sup> trouxe à bibliografia do Poeta; e pelas tão cativantes como merecidas palavras de louvor. Por uma e outras, muito obrigado a v. ex.<sup>a</sup>.

Em verdade, eu tinha conhecimento do romance «Fatalidades do Amor», pela referência que a ele fez o seu autor no discurso que proferiu como provedor da Santa Casa da Misericórdia de Arganil, na reunião da respectiva Mesa, em 29 de Agosto de 1889, por ocasião da inauguração do retrato da benemerita Condessa das Canas numa das salas do hospital que tem o seu nome.

E igualmente sabia que o romance era antecedido por uma *Carta-prefácio* da autoria de Simões Dias, por entre os meus apontamentos figurar a reprodução de um anúncio inserido em vários números, publicados em 1863 e 1864, do jornal académico coimbrão «A CHRYSALIDA», onde se dizia textualmente:

### Publicações literárias

#### \*Fatalidades do Amor,\*

por  
A. G. da Silva Sanches  
com  
uma carta-prefácio  
por  
J. Simões Dias

Acha-se à venda nas principais livrarias do Porto, Coimbra e Lisboa.

Mas o livro não figurava entre os que possuo, nem existia nas bibliotecas Nacional e Municipal de Lisboa, aonde o procurei.

Por isso, na impossibilidade de controlar as minhas informações e inseguro da data exacta da *Carta-prefácio* e da publicação do livro, decidi reservar essa e outras notas, em idénticas circunstâncias, para a parte final desta resenha bio-bibliográfica.

Divulgando a data certa dessa *carta*, e fazendo-a acompanhar de elucidativa descrição, dissipou v. ex.<sup>a</sup> todas as dúvidas, e bem merece por isso o reconhecimento de quantos dedicam ao Poeta o preito duma sincera admiração.

Quantas obscuridades poderiam ser esclarecidas se todos contribuissem para o estudo da vida e obras de Simões Dias?

—Quem conhece a comédia em um acto, «Os amigos inseparáveis»?

—Quem sabe da existência e vida aventureira de um filho natural de Simões Dias, de nome Tomaz, que foi criado na Benfeita e veio a morrer, ao que parece, na cadeia do Limoeiro, depois de ter andado por terras africanas?

—Quem pode referir, com conhecimento exacto, as razões por que a política, que Simões Dias serviu com dedicação e entusiasmo, tão mal pagou os seus serviços?

—E porque motivo Simões Dias, paladino dos interesses de diversas terras, nunca ergueu a sua voz para propugnar pelo progresso da região arganilense, nem sequer da rústica aldeia que lhe serviu de berço?

Quantas obscuridades se toparam a cada passo na vida do Poeta? E quanta luz se poderá fazer se todos, como v. ex.<sup>a</sup>, trouxerem a público tudo aquilo de que tenham notícia ou conhecimento?

O dr. António Gomes da Silva Sanches, meu contra-parente, publicou além do romance «Fatalidades do Amor», o discurso a que nos referimos, proferido no acto da inaugura-

ção do retrato da Senhora Condessa das Canas. De nenhuma outra obra temos notícia. Mas há colaboração sua em diversos jornais, nomeadamente na «Chrysalida», em que foram publicados os primeiros episódios de um romance cuja acção decorria em Arganil.

São protagonistas do romance Eduardo de Aguiar e Júlio Rocha, *aquele, filho de pais abastados e nobres; este, ainda mais nobre, mas tendo por herança só idéias e crenças, porque seus próprios antepassados, sofrendo quebras, roubos e sendo vítimas dos partidos, ficaram sem esse pedestal de opulência, que na actualidade só enche o respeito e a consideração da sociedade.*

Ambos os mancebos frequentavam a Universidade de Coimbra e se encontravam a férias. As suas habitações ficavam a alguns quilómetros de Arganil, mas encontravam-se os dois na vila por idéntico motivo:—um baile que nesse dia se realizava em casa de D. Guilhermina.

Andaram pelo Praso, *vistoso e ameno passeio, que olha sobranceiro para a vila, e ao pôr do sol, cujos raios ténues e emorecidos esmaíavam de momento a momento nas cúpulas dos penedos, respiraram a aragem fresca e balsâmica do fim da tarde, sentados debaixo do enredado toldo dum chorão na Fonte de Amandos, e depois, deram entrada no baile.*

Eduardo, ouvindo cantar D. Leopoldina, e dançando de seguida com ela, fica apaixonado e logo lhe declara o seu amor:

—*E' de baixo de palavra de honra que posso afirmar a v. ex.<sup>a</sup> que meu coração jámais tem experimentado as doces emoções que o seu delicioso canto me faz sentir.*

—*Lisonjeiro!*—acudiu D. Leopoldina com afável sorriso.

—*A' fé que não sei mentir . . . . . Há-de ter mil admiradores... algum deles terá a felicidade de ser fielmente correspondido por v. ex.<sup>a</sup>... Mas isso não é por certo um obstáculo para que deixe de adorar a v. ex.<sup>a</sup> como à própria Divindade!*

—*Meu coração está livre: mas vós os homens custa-lhes tão pouco a prodigalizar lisonjas...*

Quando o baile acabou e os dois mancebos saíram de casa de D. Guilhermina, *Eduardo trazia fogo na frente, febre no coração e o delírio no espirito.*

No artigo seguinte (o terceiro da série), o autor esboça o carácter de D. Leopoldina pela forma seguinte:

«... assim como os feirantes estendem a fazenda para atrair os compradores, assim ela faz alarde de todos os seus atractivos, enfeites, ditos engraçados, para cativar a atenção e os afectos dos que a admiram.

*Note-se-lhe o volver dos olhos, o sorriso dos lábios, o inclinado do colo, os requebros do corpo, a languidez ou vivacidade dos gestos; passe-se depois a examinar as dobras e tufo do vestido, o ondeado dos folhos, o bordado do lençinho, que maneta com desdém, o justo das botinhas e pequenas do pé, que tem cuidado de mostrar: este é o estudo dos olhos, segue-se o dos ouvidos, que é mais curto, porque estas damas dizem tódas o mesmo, segundo se acham lançadas ou no género sentimental ou no apaixonado. Se falam de literatura, só conhecem o romântico; se contam suas viagens, extasiam-se com as impressões que receberam e quevem que compartilhamos suas emoções.*

*Era portanto D. Leopoldina uma perfeita coquette.*

O romance, porém, não prosseguiu. Intitulado «EPISÓDIOS» e dedicado «A' Ex.<sup>ma</sup> Sr.<sup>a</sup> D. M. A. F. C.», ficou-se na descrição do carácter de D. Leopoldina. Porquê?

Porque as personagens não eram uma simples ficção, e os episódios narrados provocaram alarme e reclamações?

Porque A. G. da Silva Sanches deixou de colaborar na «CHRYSALIDA»?...

Vai completar-se um século sobre o nascimento de Simões Dias, e há pouco mais de 45 anos que o seu corpo, sem vida, foi levado, entre estudantes, para o cemitério dos Prazeres. Há ainda, portanto, muita gente que conheceu o Poeta e com ele conviveu, ou foi seu discípulo ou amigo. Se todos, como v. ex.<sup>a</sup>, nos revelassem o que conhecem da sua vida e obras, não realçariam apenas a fi-

## Entreguemo-nos

### À TERRA

Os acontecimentos internacionais prejudicaram ao máximo a capacidade económica dos países neutros, motivando, por isso, medidas de emergência, tendentes a equilibrar, tanto quanto possível, o nível de vida das populações.

Portugal foi até há pouco o menos atingido de tódas as nações que se conservavam à margem da guerra, mercê da política de estrita neutralidade mantida pelo Governô.

Mas um conjunto de imprevistos — como foram as rareficações nos mercados externos, as deficiências de transportes e de combustíveis, as oscilações climatéricas, queimando as searas, e o flagelo do «escaravelho» e do «mal murcho», que inutilizou a colheita da batata — veio neutralizar a acção destes produtos da terra, com os quais o Governô contava fazer face ao agravamento do custo da vida.

Mas se o momento é grave, a situação não é insolúvel. E' bastante, para tal, que o lavrador se debruce, de novo, sobre a terra — cavando, lavrando, adubando, semeando o torrão ubérrimo da gleba.

Colaborem todos os portugueses, dentro das suas possibilidades, neste esforço único — sintetizado na máxima: «Produzir e poupar».

E se é impossível fazer renascer as searas, porque o tempo próprio já vai longe, outro tanto não sucede com a cultura da batata, semeando-a nas terras de regadio, nas hortas e nos quintais, para que o país se salve da crise no inverno, — o inverno que se avizinha a passos de gigante na mutação veloz das estações.

Duma coisa pode o produtor estar seguro: da colaboração incondicional do Governô, administrada assim: a) reserva do necessário para consumo da família e da casa agrícola; b) garantia de compra da parte sobrante da colheita, a preço compensador;

c) fornecimento de adubos, designadamente sulfato de amónio, de sulfato de cobre para os tratamentos, e de combustível para a elevação das águas.

O Governô, oferecendo ao legionário da gleba todos os recursos proveitosos para uma boa sementeira de batata estival, cumpriu o seu dever. Cabe, agora, ao lavrador responder, com o esforço do seu braço, ao esforço do Governô.

### Distribuição de sulfato de amónio para a cultura da batata estival

O Governô concedeu, para os lavradores dos concelhos abaixo indicados, as seguintes quantidades de sulfato de amónio para a sementeira da batata de «duas vezes»: Miranda do Corvo, 10.000 quilos; Penacova e Poirares, 10.000; e Mortagua, 100.

## O caminho de ferro

### de Tomar a Miranda do Corvo

vai ser uma realidade?

Por ordem do sr. Ministro das Obras Públicas e Comunicações, engenheiro Duarte Pacheco, esteve em Tomar, há poucos dias, uma brigada de engenheiros do Conselho Superior de Obras Públicas a estudar a viabilidade da construção da linha de caminho de ferro de Tomar a Miranda do Corvo.

Tal notícia causou ali grande entusiasmo, dada a importância que a nova linha tem, não só para Tomar, como para toda a região desde aquela cidade até ao nosso distrito.

Efectivamente, a linha do Vale do Nabão, como bem podia ser apelidada, de há muito projectada, pedida pelo Estado Maior e incluída no Plano de Caminhos de Ferro de 1927, serve uma das mais ricas regiões do país, e nomeadamente os concelhos de Tomar, Ferreira do Zêzere, Alvaizere, Figueirô dos Vinhos, Ancião, Penela, Condeixa e Miranda do Corvo.

Informam-nos que a Câmara de Tomar vai entrar em contacto com as das terras acima mencionadas para, em pleno acôrdo, apoiarem tão útil decisão ministerial.

gura e o nome de Simões Dias, porque honrariam, por igual, a terra que lhe foi berço e a história da literatura nacional.

Com a maior estima e consideração, subscrevo-me como patriota e admirador, muito grato:

MÁRIO MATHIAS.